

doi <https://doi.org/10.5335/srph.v24i2.17834>

O governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e os recursos propagandistas voltados para a infância e a juventude

El gobierno de Getúlio Vargas (1930-1945) y los recursos propagandísticos dirigidos a la infancia y la juventud

The Government of Getúlio Vargas (1930-1945) and the Propaganda Resources Aimed at Children and Youth

JÚLIA RAFAELA DA SILVA PINHEIRO¹  

ALESSANDRA DAVID MOREIRA DA COSTA²  

Resumo:

O artigo tem como objetivo analisar a representação de Getúlio Vargas nas cartilhas *A Juventude no Estado Novo* e *Getúlio, o amigo das crianças*, a fim de buscar compreender o contato entre a população infanto-juvenil e o líder do Estado por meio das representações apresentadas, analisando elementos imagéticos e textuais, para compreender o método de propaganda utilizado, suas influências e similaridades com demais governos totalitários, como o nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália, que influenciaram o discurso varguista na construção da imagem de líder carismático e protetor da infância, porém, com ideais eugênicos. A pesquisa tem como base a análise documental, em especial, fotografias e cartazes presentes nas fontes selecionadas.

Palavras-chave: Governos de Getúlio Vargas. História da Educação. Infância e Juventude.

Resumen:

Este artículo busca analizar la representación de Getúlio Vargas en las cartillas *A Juventude no Estado Novo* e *Getúlio, o amigo das crianças*, con el fin de comprender el contacto entre la población infantil y juvenil y el líder del Estado a través de las representaciones presentadas. Se analizan elementos de imagen y texto para comprender el método de propaganda empleado, sus influencias y las similitudes con otros gobiernos totalitarios, como el nazismo en Alemania y el fascismo en Italia, que influyeron en el discurso de Vargas al construir la imagen de un líder carismático y protector de la infancia, aunque con ideales eugenésicos. La investigación se basa en el análisis documental, especialmente de fotografías y carteles presentes en las fuentes seleccionadas.

Palabras clave: Gobiernos de Getúlio Vargas. Historia de la Educación. Infancia y Juventud.

¹ Bacharel e Licenciada (2023) em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Franca). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Planejamento e Análise de Políticas Públicas pela mesma instituição.

² É Professora Assistente no Departamento de Educação, Ciências Sociais e Políticas Públicas e do Mestrado Profissional em Planejamento e Análise de Políticas Públicas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Franca). Graduada em História (1993) pela mesma instituição. Graduada (1997) em Pedagogia pela Faculdade São Luiz. Mestra (1997) em História pela UNESP, campus de Franca. Doutora em Educação Escolar (2004) pela UNESP, campus de Araraquara.

Abstract:

This article aims to analyze the representation of Getúlio Vargas in the primers *A Juventude no Estado Novo* and *Getúlio, o amigo das crianças*, in order to understand the contact between the child and youth population and the leader of the State through the representations presented. It analyzes image and text elements to understand the propaganda method used, its influences, and similarities with other totalitarian governments, such as Nazism in Germany and Fascism in Italy, which influenced Vargas's discourse in constructing the image of a charismatic leader and protector of childhood, albeit with eugenic ideals. The research is based on documentary analysis, especially photographs and posters present in the selected sources.

Keywords: Childhood and Youth. Getúlio Vargas's Governments. History of Education.

Considerações iniciais

O governo de Getúlio Vargas perdurou toda a década de 1930 até 1945, um total de 15 anos ininterruptos. Foi instaurado de forma não democrática, uma vez que, Vargas foi vencido nas eleições de 1930 por Júlio Prestes, que representava a oligarquia paulista, e cuja eleição não agradou a certos setores sociais e políticos da época. O primeiro momento do governo Vargas (1930-1937) ficou conhecido como Governo Provisório, sendo marcado por uma centralização de poder em torno da imagem do líder brasileiro, que tinha em sua composição, a apresentação de afetividade, proteção e patriotismo exemplar, características que impulsionaram seu grande sucesso com a população. Após 1937, o governo varguista foi nomeado de Estado Novo, que tinha em sua essência três principais pontos a se consolidar, o caráter autoritário em oposição à anterior democracia liberal, o apoio cívico militar, e o princípio de modernizar a indústria e fortalecer a economia.

O governo provisório foi marcado pela busca da construção do poder de maneira favorável a Getúlio e à sua imagem, numa tentativa de legitimá-lo como governante, mesmo fora dos meios democráticos, e dos movimentos contrários a ele, causando, por exemplo, grande insatisfação em São Paulo, estado que fazia parte da hegemonia oligárquica, juntamente com Minas Gerais. A elite paulistana, responsável pela produção do café, principal produto comercializado com a comunidade internacional, representava, por consequência, um retrato da elite brasileira em geral. Ao serem afetados com a tomada do governo federal por Vargas, uma vez que, o presidente eleito era o paulista Júlio Prestes, as manifestações se iniciaram, procurando a legitimação, e a defesa do sistema democrático, em apelo à Constituição de 1891, formulada para representar a república oligárquica, conhecida popularmente como café com leite. Por exemplo, a Revolução de 1932 em São Paulo tornou-se a maior expressão relacionada

à oposição, que foi reprimida com forças federais. Uma das pautas defendidas era a volta de um governo baseado nas leis constitucionais. Assim, em mais um ato para se legitimar, Vargas reuniu uma Assembleia Constituinte, e em 1934, lançou a terceira versão da Constituição brasileira, que defendia sua liderança, assim como apresentava a legalidade no modo centralizado de todas as esferas governamentais em relação ao executivo federal.

No âmbito educacional é possível notar esse efeito a partir das regulamentações e de como foi instaurado o ensino, contornando o movimento da Educação Nova, já em andamento, ao selecionar apenas partes pontuais dessa, como a concepção do estudante como ativo participante social desde a infância, a educação associada à saúde, visando a constituição de uma população saudável, de acordo com os ideais da eugenia e da valorização de experiências para o trabalho.

[...] No nível federal, a Inspetoria de Higiene Infantil, criada em dezembro de 1923, é substituída em 1934 pela Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância, criada na Conferência Nacional de Proteção à Infância, em 1933. Em 1937, o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública passa a se chamar Ministério da Educação e Saúde, e aquela Diretoria muda também o nome para Divisão de Amparo à Maternidade e à Infância. Em 1940, cria-se o Departamento Nacional da Criança (DNCr), em todas essas fases dirigido por Olinto de Oliveira, médico que havia participado do congresso de 1922. Entre outras atividades o DNCr encarregou-se de estabelecer normas para o funcionamento das creches, promovendo a publicação de livros e artigos (Kuhlmann, 2000, p.8).

O Ministério da Educação e da Saúde Pública (MESP) foi criado de maneira conjunta, em 1931, com o intuito de se transformar o ambiente escolar como meio para a manutenção sanitária. Além disso, como destaca Kuhlmann (2000), o governo realizou mudanças que indicam maior cuidado com os interesses da família, que são, ou deveriam ser, o principal amparo às crianças. Pinto (2011) observa que nas imagens da época, as crianças negras e indígenas, quando retratadas, não eram somente diminuídas, mas reprimidas, uma vez que,

valorizava-se a pátria, a família, os bons modos, enfim, elementos que deveriam compor a boa educação da infância em consonância com as noções simpáticas ao Estado Novo. No entanto [...] também foi possível perceber a depreciação, a desqualificação e a intolerância ao negro como componente da sociedade brasileira (Pinto, 2011, p. 104).

Como apontado, é possível compreender que os ideais que legitimam a base do governo de Vargas eram pautados na moral, e nos ensinamentos cristãos, com os papéis de

gênero bem delimitados; sendo a formação e a educação das crianças e dos jovens realizadas a partir da convivência social, sobretudo, na família, e na escola, ambientes em que a propaganda foi assentada de maneira muito próxima ao que se é notado nos estados nazifascistas que estavam no poder durante o mesmo período. Neles, as imagens e as representações remetem ao ideal ariano, em que as características físicas são delimitadas por pele branca, cabelos lisos castanhos ou loiros, e olhos claros, além crianças com bochechas grandes e rosadas. O precursor da eugenia foi Francis Galton (1822-1911), que,

ao se colocar enquanto o principal protagonista em resolver as contradições de classes no seio da sociedade inglesa, Galton atribui a natureza biológica ao comportamento humano, funda a *ciência eugênica* e constrói as bases teóricas para a análise da hereditariedade e a busca por maneiras de promover o “melhoramento” das características do conjunto da população (Góes, 2023).

Segundo Góes (2023), a eugenia teve grande receptividade na Europa e na América entre os anos de 1860 e 1945. No Brasil, ela emergiu na passagem do século XIX para o XX, para responder o “problema da raça” e o do sanitarismo, notadamente a partir das ideias de Renato Kehl (1889-1974), ao criar a Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1918.

Entre os objetivos dos eugenistas brasileiros, o mais ambicioso era fornecer subsídios para a concretização do projeto de “construir um povo” que refletisse os parâmetros das elites, a partir do ideário de branqueamento da nação. No escopo dos eugenistas, era necessário “inundar o país com o sangue europeu” e impulsionar a mistura étnico-racial, para que o país se tornasse branco (Góes, 2023).

Santos (2014) reflete que os processos da construção desse nacionalismo, e no caso do governo varguista, eugenista, foram de grande evidência no cenário brasileiro, e, ao se analisar seu processo e seus objetivos, percebe-se que a educação escolar foi muito utilizada nessa preparação.

Sendo assim, era necessário moldar as crianças desde o início de sua escolarização, estimulando o nacionalismo nas diversas camadas sociais, fator que as unificaria. A educação moral e cívica é um dos exemplos de como a propaganda política foi transmitida para o público infante-juvenil. Em momentos anteriores à sua ascensão ao poder, Vargas defendia o princípio de considerar a importância da criança, com base na metodologia da educação tradicional, exprimindo que, era durante a infância que se encontrava a mente em seu estado mais puro, como “cera virgem” sendo, portanto, a fase de desenvolvimento em que se deveria iniciar o

processo educativo de modo integral, na concepção do então presidente, o letramento, a educação moral, e a educação cívica.

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), foi uma peça-chave para a estratégia do governo para os recursos propagandistas, especialmente, no âmbito da Educação. Por exemplo, é possível notar nas cartilhas voltadas ao público infanto-juvenil, que Getúlio tinha como princípio elevar seu governo para além das fronteiras de seu presente, reconhecendo a importância de construir apoio tanto no ambiente domiciliar, quanto escolar. Como menciona Bittencourt (2008), existe intrínseco, ao compor qualquer material didático, uma ideologia, que no caso estadonovista brasileiro, se trata da idolatria à imagem de pátria ordenada e dotada de moralidade exemplar, fazendo uso, para tanto, de elementos simbólicos e afetivos, como a fé cristã, como podemos observar:

Bem sabe o presidente Getúlio Vargas que é no idealismo da mocidade que as pátrias fortes vão beber energia. Bem sabe o chefe de Estado que é o braço dinâmico e pujante da juventude que levanta, nos grandes e culminantes momentos, a trincheira espiritual que defende a nacionalidade, que preserva a raça, que salvaguarda a tradição (Barros, 1942, p. 13).

Além de se utilizar das cartilhas para se comunicar de forma direta e, de certa forma, mais afetiva com os jovens, a produção dos livros didáticos, impulsionada pela criação do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1937, também contribuiu para a interferência política declarada do governo varguista. O cenário escolar de seu governo foi marcado pela criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1931, e com a chegada do movimento escolanovista ao país. Esse movimento tinha em seus princípios a criança como um ser ativo com vistas à construção de sua autonomia, para atuar no mundo social, e no mundo do trabalho, além de defender a escola laica, obrigatória, pública e gratuita.

Como aponta Horta (2012) o posicionamento de Vargas em relação à educação sempre esteve intrinsecamente vinculado ao projeto de construção do patriotismo desde os primórdios de seu governo. Essa perspectiva foi expressa publicamente em documentos oficiais, como no Manifesto à Nação de 1931, que atestava a garantia de um futuro glorioso para o Brasil. Contudo, para que tal objetivo fosse alcançado, era imprescindível não apenas a promoção da educação em suas dimensões cognitiva e moral, mas também, o reconhecimento do valor e da grandeza do trabalhador como agente fundamental do progresso nacional,

para isso, afirma Vargas, mesmo sem abandonar a “posição nitidamente imparcial do Estado no ensino”, seria preciso reforçar, ministrando metodicamente, em todos os graus e ramos da educação, tanto pública, dos estabelecimentos oficiais, como as que se acham em cargo de instituição privada, o conhecimento e a análise dos valores sagrados pela nossa formação política (Horta, 2012, p. 133).

Esse pensamento era reproduzido nas cartilhas aqui estudadas, com a ilustração de crianças sempre com a mesma postura elegante, com características, descritas acima, muito semelhantes ao que se percebe nas propagandas da Alemanha nazista, com crianças de pele branca e olhos claros, vestidas com uniformes semelhantes aos trajes militares, portando símbolos nacionais de diversas maneiras, especialmente, a bandeira nacional. A seguir temos um exemplo de como são utilizados os símbolos nacionais nesses materiais:

Figura 1- A importância da Bandeiraⁱ



Fonte: Departamento de Imprensa e Propaganda. **A Juventude no Estado Novo**. Rio de Janeiro, 1941.

Na representação visual vê-se meninas em idade escolar e uma figura feminina segurando a bandeira nacional, com posição, vestimentas, e semblantes semelhantes a estátuas gregas; todas são retratadas com pele branca e cabelos bem arrumados, conforme os padrões de beleza da época, baseados nos ideais eugênicos. A bandeira aparece de forma imponente,

replicada três vezes, e traduzida como o maior símbolo nacional, caracterizando o passado, o presente e o futuro do país. Abaixo, novamente, temos, um retrato da bandeira carregada por jovens estudantes, certamente em um desfile em data cívica.

Figura 2- Jovens com bandeiras



Fonte: Departamento de Imprensa e Propaganda. **Getúlio, o amigo das crianças**. Rio de Janeiro, 1940, p. 13

Na fotografia acima, assim como na ilustração anteriormente mencionada nota-se elementos que se assemelham, como a figuração corporal e as características físicas, como o tom de pele e os cabelos médios, lisos e bem penteados. A organização e a demonstração síncrona exprimem a ideia de ordem por meio da bandeira, o símbolo nacional. Percebe-se igualmente, que os uniformes escolares remetem aos trajes militares.

Segundo Silva e Santos (2018), as escolas tinham a oferta de uma composição curricular e disciplinar militar, independentemente de ser o ensino primário ou secundário, pois é a partir dela que se fazia a transmissão dos ensinamentos dos valores nacionalistas e burgueses em relação à população trabalhadora. Na figura 3 destaca-se a importância do trabalho do professor na formação das crianças e dos jovens, tanto para alfabetizar quanto para formá-los a partir dos princípios patrióticos.

Figura 3- O papel do professor no ensino em serviço à pátriaⁱⁱ



Fonte: Departamento de Imprensa e Propaganda. **A Juventude no Estado Novo**. Rio de Janeiro, 1941, p. 10.

Neste caso, a representação acontece pelo mapa do Brasil, na qual podemos verificar uma turma de alunos focados em seus deveres, sendo que um deles está em pé juntamente com a professora, com a mão direita sobre o peito enquanto lhe é apontado os ensinamentos do dia no mapa; junto com a imagem, temos um texto que descreve a importância do professor na formação das crianças, ao visar a criação dos novos cidadãos.

O segundo momento do governo de Getúlio Vargas, o Estado Novo (1937-1945), é marcado pela exclusão de grande parte da população nas imagens ilustradas nas cartilhas. Nota-se que quando ocorrem, são realizadas de maneira mais contida, com a presença de poucos indivíduos na cena, diferenciando-se das multidões que são registradas em fotografias em desfiles ou caminhadas, como no período anterior. A propaganda do Estado Novo, foi altamente concentrada na figura de Vargas. Acreditamos que as ameaças aos valores morais, como a especulação de tentativas de intentonas comunistas, foram utilizadas como base argumentativa para a instauração de um governo totalitário, com o engrandecimento da imagem de seu governante de forma heroica e exemplar em todos os aspectos da vida, como trabalhador, patriota, companheiro e protetor.

Além do caráter autoritário, era premente, no Estado Novo, o apoio cívico militar, e o fortalecimento da economia, por meio da bem-sucedida industrialização brasileira, com

indústrias consideradas de base, como as siderúrgicas, as petrolíferas, e as energéticas, dentre outras, controladas pelo Estado. No contexto mundial encontramos governos com notáveis semelhanças, como o Nazismo na Alemanha, e o Fascismo na Itália, nos quais, além dos fatores já mencionados, temos a eugenia, característica presente na base de todos eles. No Brasil, apesar da propaganda varguista apontar que defendia e representava todos os cidadãos, que iriam constituir um futuro brilhante para a nação, ela se baseava em ideais que representavam apenas uma parcela da população, sempre branca, com elementos pertencentes às elites, perceptível principalmente pelo vestuário, e por seguir o padrão corporal, em que as crianças possuíam bochechas rosadas e levemente robustas, consideradas saudáveis.

A Eugenia é uma teoria que ganha grande força no final do século XIX, e na primeira metade do século XX, e pregava o melhoramento genético humano, partindo da concepção de que deveria ser reproduzido e valorizado pessoas de características tidas como europeias, como pele e olhos claros, sem deficiências físicas ou intelectuais. Essa teoria baseou diversos movimentos racistas e de grande preconceito, exclusão e violência durante as quatro primeiras décadas do século XX, servindo como base para casos mais extremos, como na Alemanha, onde foi utilizada como fundamento para extermínio de populações que não se encaixavam no padrão estabelecido, com a perseguição e posterior eliminação de judeus, ciganos, pessoas com deficiência, negros e homossexuais. Souza (2022) ressalta que Vargas, apesar de ser presidente de um país com grande composição populacional considerada mestiça, adotou ideias eugênicas a partir da proposta do embranquecimento da população, e de medidas de controle em relação aos imigrantes.

No caso do Brasil, a década de 1930 representou uma série de ambivalências intelectuais e políticas, expressas nas diferentes ideologias que o governo Vargas procurou acomodar ainda antes da implantação do Estado Novo. Ao mesmo tempo em que estimulou políticas progressistas e assumiu a ideologia do Brasil mestiço, Vargas também aderiu às agendas reacionárias e racistas. [...] Para o movimento eugênico, Vargas representava a possibilidade de intervenção da eugenia tanto em assuntos de reforma social quanto em medidas de seleção racial, sobretudo de controle migratório (Souza, 2022, p. 105).

Esse ideal corpóreo, proposto pela filosofia da eugenia, configurava o protótipo do brasileiro civilizado; a educação, então, deveria ser voltada também para formar esse indivíduo de forma completa, ou seja, robusto de forma física e moral, como descrevem Veiga e Faria Filho (1999), sobre o corpo ideal que as crianças deveriam ter, inclusive, com a promoção de

concursos de beleza infantil, em que buscava-se os requisitos para se representar uma criança considerada saudável e bonita.

Como mencionado anteriormente, o movimento denominado Escola Nova ganhou relevância no cenário educacional brasileiro, posicionando-se em contraposição aos princípios da educação tradicional, na qual a criança assume meramente o papel de receptáculo passivo de informações, submetida a conhecimentos pouco articulados com sua realidade concreta. Esse modelo exigia um esforço predominantemente intelectual e normativo, em detrimento de atividades manuais e práticas, o que contribuía para a alienação desses indivíduos enquanto cidadãos. Como consequência, a construção de suas identidades e posicionamentos sociais era frequentemente postergada, manifestando-se apenas em etapas posteriores, como no ingresso no mundo do trabalho. Como afirma Jerry Dávila (2016) em uma entrevista:

[...] Muitos dos líderes do movimento eugenista no Brasil estavam envolvidos no sistema escolar do Rio de Janeiro ou de outros estados; figuras como Afrânio Peixoto, Antonio Carneiro Leão, Isaías Alves e Bastos D'Ávila. E vemos a influência de pensamento eugênico entre os principais articuladores da reforma de ensino conhecida como a Escola Nova, como Fernando de Azevedo, Manoel Lourenço Filho e Anísio Teixeira. Essa difusão das concepções eugênicas era reflexo de sua época: a eugenia teve muita influência e prestígio nas ciências sociais no Brasil e no mundo durante as décadas de 1920 e 1930 [...] (Carvalho, *et al.*, 2016).

É notório que a construção da imagem pública de Getúlio Vargas seguia uma lógica discursiva, evidenciando que seu projeto político incorporava, ainda que instrumentalmente, princípios da Escola Nova. Nessa perspectiva, a criança era concebida como um sujeito ativo e autônomo, cuja formação deveria ser orientada em benefício do Estado. Em continuidade a uma entrevista, Dávila (2016) ressalta que:

[...] é notável no contexto do ensino público a força de ideias eugênicas derivadas do neolamarckismo: a noção de que o ambiente e a cultura podiam inibir ou nutrir o desenvolvimento e mudar a condição de uma população foi um forte impulsionador para políticas públicas em áreas como educação e saúde. O poder do pensamento eugênico ajudou a acelerar o desenvolvimento do ensino público, porque a escola seria um dos espaços privilegiados para redimir uma população diagnosticada como deficiente pelos defensores da eugenia. A ligação entre eugenia e escola teve efeitos contraditórios: por um lado, concentrou esforços, recursos e técnicas para ampliar a educação pública num molde que alcançava famílias até então excluídas. Mas, por outro, os conceitos eugênicos que nortearam as escolas e ordenavam os alunos e professores tendiam a definir como deficientes as pessoas negras ou provenientes de meios pobres. Em vez de exclusão, a presença do pensamento eugênico no ambiente escolar resultou numa moderna inclusão marginalizadora (Carvalho, *et al.*, 2016).

Assim, a estratégia para com esse público-alvo se dá por características pontuais da figura de Vargas, como amigo e protetor da infância, sendo a ternura expressa de forma paternal, além de ser um exemplo de trabalhador ideal e patriota. Quanto à abordagem discursiva, observa-se que o governo se valia predominantemente de recursos visuais como estratégia de comunicação. As cartilhas e demais materiais propagandísticos destinados ao público jovem eram elaborados com ênfase em elementos imagéticos, nos quais o governante era retratado invariavelmente em posição de proximidade física com as crianças, transmitindo a ideia de acolhimento afetivo e benevolência.

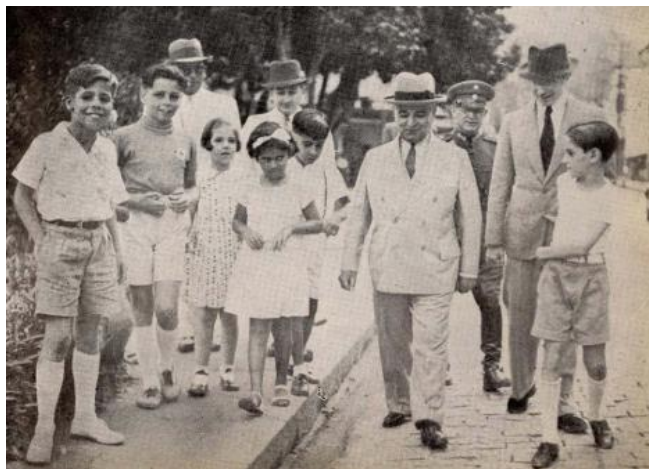
Para além do suporte escrito, registram-se também produções cinematográficas que documentavam a participação do presidente e de figuras-chaves de seu governo, como o ministro da educação Gustavo Capanema, que esteve à frente desse ministério, entre 1934 e 1945, em eventos de grande simbolismo para a construção da identidade nacional. Dentre esses eventos destacam-se cerimônias cívicas de relevo, como os desfiles do Dia da Independência e as Paradas da Juventude, ocasiões em que a presença das autoridades era cuidadosamente orquestrada para reforçar o pacto entre estado, pátria, e população infanto-juvenil.

A cartilha *Getúlio, o Amigo das Crianças*, de 1940 exemplifica essa estratégia, ao transmitir uma narrativa que incentiva os leitores a se identificarem com a nação brasileira, reforçando a ideia de que sua educação e desenvolvimento deveriam servir ao fortalecimento do país. Nesse processo, a figura de Vargas é apresentada não apenas como um modelo a ser seguido, mas como um mentor, consolidando sua influência sobre as novas gerações, como mostra o excerto a seguir:

É proverbial a predileção do presidente Getúlio Vargas pelas crianças. Ela constitui, sem dúvidas, um dos traços marcantes de sua personalidade e não se limita à maneira acolhedora como as recebe nas ruas, nos jardins públicos ou onde quer que as encontre, mas se concretiza nas mais altas e generosas iniciativas com que as ampara (Brasil, 1940b, p. 2).

A foto abaixo exemplifica como as aparições do então chefe da nação eram admiradas pelas crianças, que o seguem em caminhada.

Figura 7- Vargas cercado de crianças enquanto anda pela rua



Fonte: Departamento de Imprensa e Propaganda. **Getúlio, o amigo das crianças**. Rio de Janeiro, 1940, p. 27.

Em um contexto geral, Vargas ficou conhecido historicamente pela sua postura populista, sobretudo, em relação aos avanços na questão de direitos trabalhistas, que garantiram tanto aos trabalhadores, quanto aos patrões uma maior noção de estabilidade, com a introdução de um salário mínimo e de jornadas limitadas, além de descansos garantidos por lei, contornando, com isso, a insatisfação entre os operários, evitando que o cenário da revolução comunista que ocorreu na Rússia, não ganhasse forças no contexto brasileiro. Além disso, essa postura beneficiou sua imagem que, unida com a propaganda constante pelos veículos de massa, como o rádio, foi crucial para seu retorno ao poder, entre 1951 e 1954, quando se suicidou.

Figura 8- Vargas carregando uma criança em seus braços



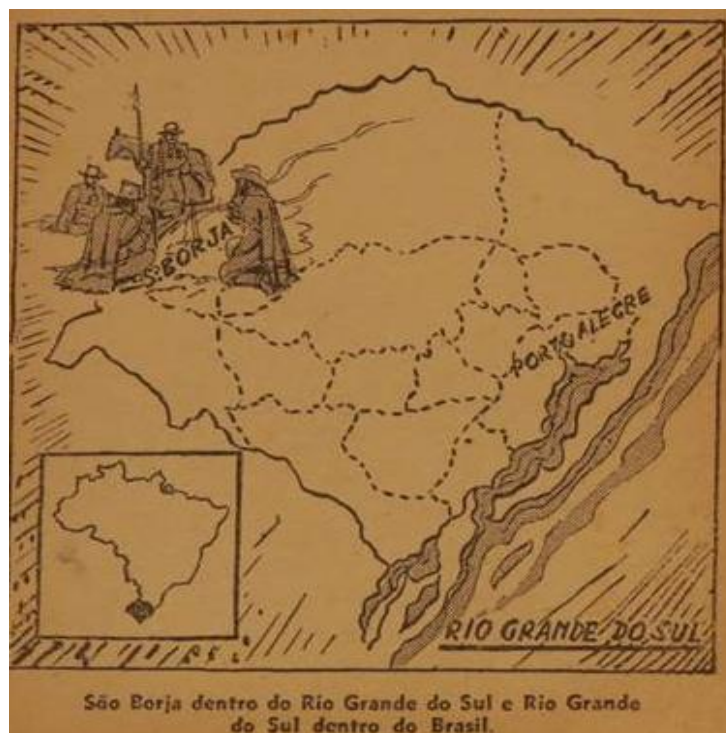
Fonte: Departamento de Imprensa e Propaganda. **Getúlio, o amigo das crianças**. Rio de Janeiro, 1940, p. 32.

A cartilha *Getúlio, o Amigo das Crianças* (1939), retrata de modo acentuado o discurso do líder e sua postura em relação às crianças:

“Vê o teu grande amigo galgando essa escada grande, carregando nos braços uma criança. O que este flagrante te sugere? Por acaso não vês nele um instantâneo do momento excepcional da pátria? Não é o presidente que te ampara, subindo a escada do futuro?” (Barros, 1940, p. 31, [adaptado]).

Nesta cartilha a estratégia utilizada é a de apresentar o presidente de maneira integral, em todas as fases da vida, incluindo a infância. Em grande parte das mensagens, a proposta indica um modelo de como deveriam se portar as crianças em diferentes momentos e aspectos da vida. Em sua introdução, é apresentado o contexto no qual Vargas nasceu e foi criado, no interior do estado do Rio Grande do Sul; vindo da área rural, de cultura gaúcha, que são veiculadas pelos trajes tradicionais, juntamente com a exibição cartográfica desse estado, em relação ao território nacional. Quanto ao espaço, é destacado as características físicas da população, definidos respectivamente, como “belas paisagens e gente robusta”.

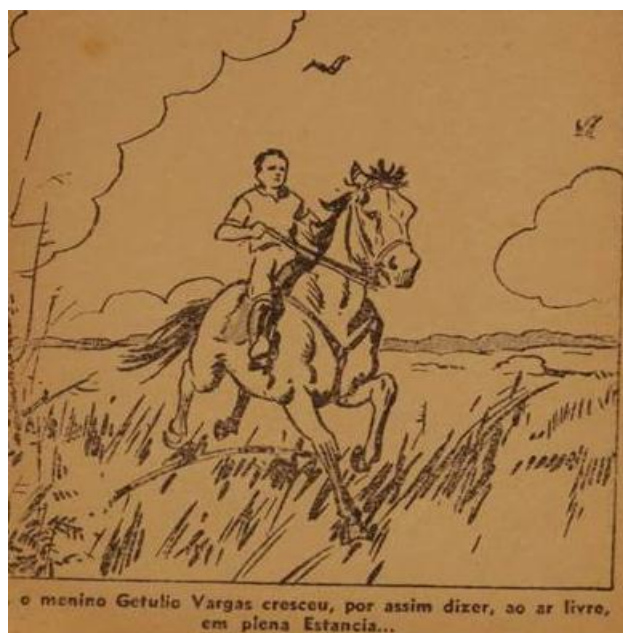
Figura 9- Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: BARROSO, A. **Getúlio Vargas para crianças**. Rio de Janeiro: Biblioteca Pátria, 1939, p. 6.

A caracterização da infância de Getúlio traz, inicialmente, seu contexto familiar, como filho de militar, o general Manoel Vargas, e de Dona Cândida, casal que é definido como “dotados de fortaleza física e de inteireza de espírito”, que tiveram cinco filhos, criados a partir dos princípios morais cristãos, e desde cedo atuando no trabalho, no caso, ajudando na organização de sua família com o trabalho rural.

Figura 10 – A infância de Vargas.



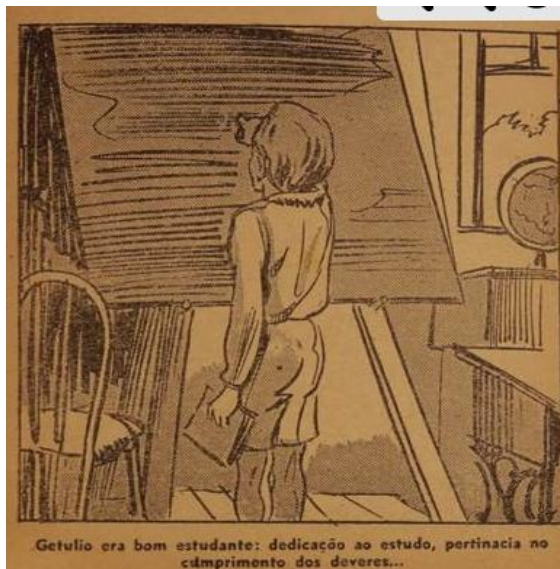
Fonte: Barroso, A. **Getúlio Vargas para crianças**. Rio de Janeiro: Biblioteca Pátria, 1939, p. 11.

Quanto aos estudos, Vargas frequentou a escola e foi letrado por uma professora; em seguida, teve sua educação assumida por um mestre, jornalista da cidade, e depois passou para outro tutor, sendo que, com esse aprofundou seus conhecimentos científicos. Era descrito como um ótimo aluno, envolvendo-se em várias atividades, além dos deveres; era disciplinado e defendia a ordem, já apresentava boa oratória e participava de debates simulados, interpretando grandes líderes, como relatado na cartilha *Getúlio Vargas Para Crianças* (Barroso, 1939).

Após sua formação inicial, Vargas ingressou no ensino superior, com conhecimento destacado de usos práticos e científicos. Posteriormente, se juntou às forças armadas, passando pela formação militar, fator que incentivou a se tornar o próprio modelo instaurado, o exemplo ideal de como deveria ser composto o indivíduo, letrado, socialmente participativo, disciplinado e patriota.

Na figura abaixo temos Getúlio estudando em uma sala de aula:

Figura 11– O estudante Getúlio Vargas



Fonte: BARROSO, A. **Getúlio Vargas para crianças**. Rio de Janeiro: Biblioteca Pátria, 1939, p.13.

As análises das cartilhas apresentam a figura de Getúlio como modelo de trabalhador e cidadão, apresentado para o público-alvo de forma assertiva, direta e amigável, ao mesmo tempo que também é capaz de o apresentar com seriedade, compromisso e proteção. Cada uma possui características próprias na abordagem, como por exemplo, a *Getúlio, o amigo das crianças*, há, majoritariamente, textos que focam na obrigação da criança em estudar para se formar e ser um bom cidadão; já em *Getúlio Vargas para Crianças*, temos sua figura como principal objeto de análise, apresentando um discurso de grande valorização do trabalho, mencionando momentos em que Vargas é a representação do grande trabalhador, aquele que é necessário para manter os demais, pois ele o responsável por lhes garantir seus direitos enquanto trabalhadores brasileiros.

Considerações finais

Nos documentos analisados, a educação, ou melhor a escolarização, é colocada como a primeira obrigação cidadã, local em que se aprendia o que era necessário para ser incorporado nos ideais do governo varguista, sobretudo os valores cívicos e morais. Cada cartilha é direcionada tem sua especificidade, embora tivessem um discurso voltado para a população em

geral, elas representam a estética dos colégios de elite, nos quais, a maioria presente, alunos ou professores, são pessoas que se encaixam nas características eugênicas, ou seja, pessoas brancas, de olhos claros, e cabelos lisos. A representação da Pátria se dá de forma constante, principalmente pela utilização de mapas e da bandeira nacional. A estratégia do governo Vargas quanto à educação de crianças e jovens em nível primário, atual ensino fundamental, era a de posicionar esses indivíduos politicamente, incorporando-os como cidadãos e futuros trabalhadores, com deveres a cumprirem perante a pátria. Para isso, utilizou-se da produção de conteúdos dirigidos à educação, não somente para serem utilizados no ambiente escolar, mas também como uma forma de se aproximar, de forma mais direta, dessa parcela da população, de maneira literária e visual, demonstrando uma impressão paternal, protetora e exemplar.

É notório como a educação e os estudos foram recursos empregados na propaganda varguista para a infância e a juventude. As ilustrações e os discursos das cartilhas aqui analisadas retratam lugares, situações e contextos em que o governo Vargas se apropriou para transmitir seu ideal de cidadão e trabalhador obediente, com reta conduta cívica e moral, patriota, e nacionalista, que deveriam ser o futuro do Brasil.

Notadamente, quase cem anos após a ditadura varguista, e sua política moral e eugênica, vemos surgindo no mundo todo, inclusive no Brasil, governos que retomaram essa ideologia, apreendendo recursos propagandísticos envolvendo não somente a grande imprensa, mas, a criação de falsos perfis nas redes sociais, que disseminam falsas notícias e distorcem fatos, com a intenção de adentrarem e se manterem no poder.

Referências

BARROSO, A. **Getúlio Vargas para crianças**. Rio de Janeiro: Biblioteca Pátria, 1939.

BRASIL, Departamento de imprensa e propaganda (DIP). **A Juventude no Estado Novo**. Rio de Janeiro, 1941.

BRASIL, Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). **Getúlio, o amigo das crianças**. Rio de Janeiro, 1940.

CARVALHO, L. D. de; CORRÊA, I. N. da C. Eugenia e educação no Brasil do século XX: entrevista com Jerry Dávila. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 23, supl., dez. 2016, p. 227-233. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/mV7dDNjqYqppGFMj3wXRy5j/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 20 jan. 2026.

GÓES, W. L. **A eugenia entre os séculos XX e XXI: uma discussão necessária.** *Revista Brasileira de História*. v.43, n. 94, set./dez., 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/brjxq5RqqBvyHtZ5bzfcqyt/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2026.

HORTA, J. S. B. **O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e educação no Brasil (1930-1945).** 2. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

KUHLMANN JUNIOR, M. **Histórias da educação infantil brasileira.** *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/CNXbjFdfdk9DNwWT5JCHVsJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2026.

PINTO, F. M. **O Vermelho e o Negro: Intolerância, Construção da Identidade Nacional e Práticas Educativas durante o Estado Novo (1937 – 1945).** Dissertação de Mestrado. UFMG, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/bc5b91b7-ac31-4c53-8527-b4120349ce99>. Acesso em: 20 jan. 2026.

SANTOS, A. V. **Escritos sob os regimes políticos de Vargas e Mussolini: para uma "fascistização da infância?".** *Revista Brasileira De História Da Educação*. 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38868>. Acesso em: 20 jan. 2026.

SILVA, H. E.; SANTOS, J. A. **Uma reflexão sobre Reformas educacionais no século XX e XXI e o ensino da História.** O reviver de antigas propostas na reforma (contrarreforma) do Ensino Médio. V Congresso Nacional de Educação, 2018. Disponível em : https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA3_ID_7603_10092018175257.pdf. Acesso em: 20 jan. 2026.

SOUZA, V. S. **Eugenia, racismo científico e antirracismo no Brasil: debates sobre ciência, raça e imigração no movimento eugênico brasileiro (1920-1930).** *Revista Brasileira de História*. v. 42, n. 89 p. 93-115, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/TLsppHZdSyVtfKjZbRx9qXK/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2026.

VEIGA, C. G.; FARIA FILHO, L. M. **Infância no sótão.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Notas

ⁱ Está escrito no cartaz: “Contemplai-a agora com maior e justificado orgulho. Ela trêmula só, única e dominadora sobre todo o nosso vasto território. Símbolo do Brasil de hoje e de amanhã, bela e forte, afirma a unidade moral e material do nosso povo, numa síntese perfeita da sua existência e dos seus ideais de engrandecimento” (Brasil, A Juventude no Estado Novo, 1941, p. 9).

ⁱⁱ A transcrição do texto referente a imagem diz: “A palavra do professor não transmite apenas conhecimentos e noções do mundo exterior. Atua igualmente pelas sugestões emotivas, inspiradas nos mais elevados sentimentos do coração humano. Desperta nas almas jovens o impulso heroico e a chama dos entusiasmos criadores. Concito-vos, por isso, a utilizá-la no puro e exemplar sentido do apostolado cívico - infundindo o amor a terra, o respeito às tradições e a crença inabalável nos grandes destinos do Brasil” (Brasil, A Juventude no Estado Novo, 1941a, p. 10).